

ATEB ADRIANE LUCENA



## A CRIAÇÃO E O TEMPO DE SANTO AGOSTINHO

30750  
5000i

Tombo nº	9134
Classif:	
Ex:	1
Origem:	d
Data:	06-03-03

**ATEB ADRIANE LUCENA**

## **A CRIAÇÃO E O TEMPO DE SANTO AGOSTINHO**

Trabalho apresentado à  
FACER como requisito parcial a  
Disciplina Dissertação Filosófica  
II, para fins avaliativos do  
professor Paulo Henrique  
Castanheira Vasconcelos.

Rubiataba/2001

## DEDICATÓRIA

Como diz Santo Agostinho em A Trindade: "entre as muitas coisas que eu disse, ousou professar que não disse nada que seja digno da suprema e inefável Trindade, mas devo acima de tudo confessar que o conhecimento de Deus superou a minha fraqueza e que não consegui elevar-me até ela".

Por isso dedico a minha monografia a Deus que é o grande motor imóvel que despertou a Santo Agostinho e que continua despertando a muitos outros seguidores.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus Pai Todo Amoroso, razão do meu existir, que me dá forças para caminhar em busca da Plenitude do Reino.

A meus pais, os mestres que me ensinaram o sentido último da vida, através do Belo, do Bem e do Verdadeiro, pelo exemplo de suas vidas, e meus irmãos pelo total apoio e incentivo nessa caminhada, durante os últimos quatro anos.

Finalmente, a todos os educadores, da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, que contribuíram para a minha formação acadêmica.



*“Não existe dom de Deus mais excelente do que o amor; é o único que distingue os filhos do Reino. (...) Foram-nos dados, outros dons mediante o Espírito Santo, mas sem o amor não servem para nada.”*

Agostinho, A trindade, XV, 18, 32

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
SANTO AGOSTINHO .....	08
PARA SANTO AGOSTINHO / O QUE É O DIVINO .....	11
PARA SANTO AGOSTINHO / O QUE É O HUMANO .....	18
A CRIAÇÃO .....	26
O TEMPO .....	33
CONCLUSÃO .....	38
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS .....	40

## **INTRODUÇÃO**

A partir dos estudos feitos, construir uma percepção sobre a criação e o tempo na literatura filosófica disponível.

Agostinho louva os platônicos por ensinarem que o princípio espiritual de todas as coisas é, ao mesmo tempo, causa de sua própria existência, luz de seu conhecimento e regra de sua vida. Todas as proposições que se percebem como verdadeiras seriam tais porque previamente iluminadas pela luz divina.

O homem é o único ser com capacidade de julgar porque tem consciência de si e do que é a verdade. A alma, para conhecer possui uma verdade absoluta possibilitando assim, razão de conhecer, e julgar. O homem, para entender a existência ou o que deixa de existir, precisa conhecer a razão eterna, em que tudo começa ou termina, mesmo que para a razão nata comece e nada termine.

Precisamos conhecer para chegarmos à verdade. Esta verdade é Deus, criador de todas as coisas e de todas as criaturas. Para entendermos esta concepção de Deus necessitamos da capacidade de julgamento, que é o conhecimento.

O universo não veio de si próprio, sendo que este existe no espaço. Ele criou o mundo porque não queria que uma criação boa permanecesse no nada.

Deus sempre existiu, mesmo antes da criação do mundo; isso ele é imutável, eterno, infinito e pleno. A vontade de Deus não é criada: "esta" antes de toda criatura.

Antes da criação não existia o tempo. Foi Deus quem criou o tempo. Em sua eternidade não precisa do passado, presente e futuro para ser história, pois

ele "já é", ser absoluto. O tempo é identificado por Agostinho com a própria vida da alma que se estende para o passado ou para o futuro.

Ao tratar dos três tempos, santo Agostinho chega a duvidar se realmente há a existência dos tempos. E acaba concluindo que o tempo é produto da alma, que se faz presença na memória. Eis aí a transsignificação da reminiscência platônica na elaboração da filosofia agostiniana.

## **Santo Agostinho**

Aurélio Agostinho, em latim Aurelius Augustinus, nasceu em Tagasta, atualmente Suk Alvras, na Argélia, de uma família Burguesa, a 13 de novembro de 354. Seu pai, Patrício, era pagão, recebido o batismo pouco antes de morrer; sua mãe, Mônica, era uma cristã fervorosa, e exercia sobre o filho uma notável influência religiosa.

No ano 371 foi a Cartago para cursar retórica. Em 372, morre o seu pai, Patrício. Afeiçoou-se apaixonadamente ao teatro. E não tardou em associar-se àquela mulher que iria ser a mãe de seu filho. Foi inteiramente fiel à mulher amada e com ela teve um filho.

Em 373, no curso de programa acadêmico, travou conhecimento com o diálogo "Hortêncio", hoje perdido, de Cícero, o qual contém uma exortação à sabedoria e ao estudo da filosofia. Aderiu, nessa época, ao maniqueísmo, doutrina de que logo se afastou. Provavelmente nasceu nessa época o seu filho Adeodato. Em 374 regressa a Tagasta como professor de gramática. No ano 376 morre um amigo íntimo. Agostinho vai de novo a Cartago como professor. Vai para Roma onde continua a docência no ano 383. Em 384 começou a ensinar retórica em Milão, onde conheceu Santo Ambrósio, bispo da cidade.

Finalmente, como por uma fulguração do céu, sobreveio a conversão moral e absoluta, no mês de setembro do ano 386. Agostinho renuncia inteiramente ao mundo, à carreira, ao matrimônio; retira-se durante alguns meses, para a solidão e o recolhimento, em companhia da mãe, do filho e de alguns discípulos, perto de Milão. Aí escreveu seus diálogos filosóficos, e, na Páscoa do ano 387, juntamente com o filho Adeodato e o amigo Alípio, recebeu o batismo em Milão das mãos de

Santo Ambrósio. Nessa época a meio caminho, na cidade de Àstia, faleceu-lhe a mãe, e pouco tempo depois o seu filho Adeodato, falecido na adolescência em 388 depois de ter dado mostras de talento extraordinário. Com ela vivera Agostinho durante quinze anos. Parece ter sido pessoa de altas qualidades intelectuais. Agostinho demorou-se ainda cerca de um ano em Roma, e no outono está de volta em Tagasta, sua cidade natal. Tomada pela idéia da ascese, decidiu fundar um mosteiro em Tagasta, onde nascera. Mas não tardou a ver-se arrancado ao seu retiro, a instâncias de Valério. Bispo de Hipona, que o ordenou Sacerdote em Hipona e lhe confiou a missão de pregador em 391. Alguns anos depois, em 395, tornou-se bispo Coadjutor de Hipona, passando a titular com a morte do bispo diocesano Valério no ano 396. Na conferência de bispos realizada em Cartago em 411, Agostinho colheu frutos de sua polémica com uma clara vitória. A partir de 412, Agostinho polemizou particularmente contra Pelágio e seus seguidores, que sustentaram que a boa vontade e as obras eram suficientes para a salvação do homem, desprezando a necessidade da graça. Em 414 esforçou-se para eliminar as ocupações exteriores e conseguiu, pelo menos, não ter que se deslocar para a sede da igreja africana em Cartago. A sua tese triunfou no concílio de Cartago de 417 e o papa Zózimo condenou o pelagionismo.

Governou a igreja de Hipona até à morte, que se deu durante o assédio da cidade pelos vândalos, a 28 de agosto do ano 430.

Patrício e Mônica, foram também os pais de Navégio e de uma menina cujo nome se ignora, anos mais tarde freira e superiora de um convento.

Mônica recebeu da igreja e da tradição Cristã o título de Santa. O seu corpo foi sepultado na Cripta da igreja de Santa Áurea, em Àstia, onde foi descoberto em 1430 e trasladado para Roma, primeiro para a igreja de São Trifão e mais tarde para a igreja que lhe foi dedicada.

A sepultura de Mônica em Àstia foi encontrada no verão de 19450 diante da igreja de Santa áurea, por dois meninos que cavavam um buraco para colocar uma tabela de basquete.

A cerca de sete quilômetros e meio de Àstia jazem hoje as ruínas de um mosteiro Agostiniano (San Agostinho). O mosteiro foi construído na idade Média às margens do rio Fiora (Floria), onde este entra pelo mar.

Apesar de tudo, conseguiu redigir uma obra imensa, a maior parte da qual inspirada em problemas concretos que preocupavam a igreja da época.

O período de Cassiciaco caracteriza-se pelos escritos de caráter predominantemente filosófico: contra os acadêmicos, A vida Feliz, A ordem, Os solilóquios, A imortalidade da alma (este último escrito em Milão). A quantidade da alma, escrito em Roma é de 388. Em Tagasta (388-391) foram compostas as obras. O mestre e A música. Trata-se de escritos próximos aos de Cassiciaco.

A sua obra-prima dogmática filosófico – teológica é A Trindade (399 – 419).

A sua obra-prima apologética é A Cidade de Deus (413 – 427).

Os escritos exegéticos de maior destaque são: A doutrina Cristã (396 – 426), os comentários literais ao Gênesis (401-414), os comentários a João (414-417) e os comentários aos Salmos.

Das obras contra os maniqueístas, podem-se recordar: Sobre os costumes da igreja católica e os costumes domaniqueus(388-389), sobre o livre-arbítrio (388 e 391/395), A verdadeira religião (390) e sobre o Gênesis contra os maniqueiu (398).

Dentre os escritos contra o donatistas, recordamos: contra a Epístola de Parmeniano (400), sobre o batismo contra os donatistas (401) e contra Gaudêncio, bispo dos donatistas (419-420).

Fazem parte dos escritos polêmicos antipelagianos: O espírito e a letra (412), sobre a gesta de Pelágio (417) e A graça de cristo e o pecado original (418)

Duas obras inauguraram gêneros literários novos: as confissões (397), que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário, e as retratações (426/427), em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

E nessa data de 28 de agosto que Santo Agostinho, é festejado como doutor da igreja.

## PARA SANTO AGOSTINHO

### O QUE É O DIVINO

*A iluminação divina, no entanto, não permite o homem de ter um intelecto próprio, ao contrário, presume sua existência. Deus não troca o intelecto quando o homem reflete o verdadeiro: a iluminação teria a função de retomar o intelecto próprio de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural determinada por Deus<sup>1</sup>.*

Essa ordem é a que tem existência real entre as coisas do mundo e as realidades inteligíveis correspondentes, nomeados por Agostinho com desigualdade das palavras: idéia, forma, espécie, razão ou regra.

A teoria agostiniana determina, que cada conhecimento verdadeiro é o efeito de um processo de iluminação divina, que torna possível ao homem olhar atento as idéias, arquétipos eternos de toda a realidade. Nesse modelo de conhecimento a própria luz divina não é observada, mas serve para iluminar as idéias.

O cuidado fundamental de Agostinho é destacar claramente o objeto conhecido do conhecimento que temos dele. A sensação agora é um maneira de conhecimento espiritual: o objeto sensível, ao contrário, é algo de corporal. Antes de mais nada, retorna-se claramente que o objeto sensível é alcançado pela sensação, da qual ele é a causa: ele próprio, é incapaz de sensação.

Em afinidade com esta doutrina, Agostinho diferencia duas espécies de luz: uma, de natureza corporal e adquire conhecimento pelos olhos, e outra,

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, Confissões. P. 17

espiritual, que os habilita a perceber a luz corporal. A capacidade sensitiva é, uma luz de natureza espiritual: ela atende às necessidades da própria alma.

A sensação é uma atividade da alma: se objeto, contudo, é um corpo. Pois Agostinho nunca abandonou seu interesse por esse problema.

Afirmar-se-á que a ação do corpo sobre a alma é coisa manifesta: um exame mais cuidadoso da questão parece propor a impossibilidade de um tal influxo. Portanto, a alma não pode sofrer qualquer influência de parte do corpo, sob punição de ficar sujeita a ele.

A sensação como tal, somente pode ser originada pela alma. Com a unificação entre o corpo e alma não é uma semelhança de reciprocidade: antes, a união é tal que a alma examina o corpo e, origina determinada coisa independentemente da influência do corpo.

Está claro, que agora não é o corpo que exerce sobre a alma, e sim a alma sobre o corpo. A falta de sensação demonstra a existência de ligações normais entre o corpo e o mundo ambiente.

Com eficácia, habituamos “trocar” idéias uns com os outros, o que seria impossível se elas não nos fossem comuns e não se desviassem de mim para ti e de ti para mim.

A experiência que faz uso da razão é obtida paralelamente à experiência sensível, nos torna possível expor com precisão a lei da interioridade do pensamento: na parte exterior da alma há agentes estimuladores ou admoestadores e sinais; a espontaneidade da alma persiste intocável pois ela se apodera destes sinais e os explica: é do seu próprio interior que ela extrai a substância do que lhe vem de fora.

Desse modo a alma é acompanhada de fora para dentro de si mesma. A fim de escapar ao isolamento, a alma se apoia em Deus, que é o termo último da análise do pensamento. A alma vive só porque nada pode alcançá-la de fora. Semelhantes verdades devem ser transcendentais, pois independem completamente do nosso conhecimento. Pis bem: a escritura nos prova a existência de um mestre transcendente: Cristo, o Filho de Deus, que reina no céu e nos ilumina os corações. O circuito que passamos nos fez conhecer que a verdade outra coisa não é senão aquele que anunciou ser o único Mestre.

É um caso, que nós, seres temporais, contingentes e mutáveis, podemos reconhecer verdades eternas, necessárias e imutáveis: mas, só Deus é eterno, necessário e imutável; imediatamente tais verdades nos são conhecidas por uma conexão imediata com Deus.

Para o nosso mestre, as verdades eternas e imutáveis do mundo espiritual platônico tem sua ânsia em Deus que é a verdade. E em disposição desta presença divina que a Verdade ou Deus, se dá a reconhecer a razão mediante a “recordação” que lhe dá acesso à infinidade de Deus.

Do exposto se vê que a verdade Agostiniana de Deus é um processo de superamento das coisas, tendo por remate a conexão com Deus no mais íntimo da consciência com efeito da verdade da existência de Deus se transforma em problema.

Cada desejo de saber e qualquer esforço de conhecimento é uma espécie de amor. Agostinho aceita que não se pode amar o que se desconhece. Por outro lado, não se procura a não ser o que se ama.

Para poder estender a um objeto é necessário que a alma neste instante possua dele uma representação prévia, por vazio ou desordenada que seja.

A rigor, a alma precisaria reconhecer-se a se mesma. Sendo a alma um puro espírito inteiramente simples, ela deve conhecer-se ao conseguir qualquer uma de suas operações.

Finalmente a alma não se lembra de si mesma e perde a consciência do seu eu mais nobre; o próprio Agostinho o experimentara na ingenuidade do seu materialismo. Chega-se ao ponto de crer que a alma é um corpo.

É a mesma que nos leva a conhecer a alma: a dificuldade que temos em nos recolher: “Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos!... Retenha-me longe de vós aquilo que não existira se não existisse em vós”.

A presença infável de Deus na alma vem manifestada em várias formulas: Deus nos é mais íntimo que o nosso próprio íntimo; Deus rege a alma sem qualquer intermediário; Deus vive misteriosamente na alma; Deus é a vida da alma.

Em primeiro lugar, recebeu a noção de uma luz incorporal, invisível e espiritual. Esta luz excede em sublimidade tudo quanto é visível aos olhos da carne,

portanto ela é o princípio da verdade e a causa de todas as outras coisas. A vista disso Deus é a luz que está acima do espírito e que somente pode ser alcançada se transceder-mos o que há de mais elevada em nós.

De onde se segue que o mal é senão a privação de um bem, e que o mal como tal não existe. Imediatamente o que não é bom, isto é: o mal, não é nada de positivo, mais uma privação ou destituição. Tudo o que existe é bom. Imediatamente o que não é bom, isto é: o mal, não é nada de positivo, mais uma privação ou destituição. Se todo o bem presente nas coisas fosse excluído ou destruído, estas deixariam de existir e voltariam ao nada.

Por todas estas razões, o mal não pode ter origem de Deus,. Sendo o mal um não –ser, é impossível que alguém lhe haja dado o ser. Deus é criador de todas as coisas, e tudo o que ele criou é bom.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só natureza. Eles são o ser soberano e, por conseguinte a verdadeira eternidade, o eterno e verdadeiro amor, o princípio de todas as coisas, a beleza perfeítíssima e a suma bem-aventurança.

Esta convencido de que a alma não origina da substância divina, visto ser uma criatura; que não evoluiu da matéria nem de uma alma animal; que nem uma alma preexistiu ao corpo; e, por fim, que nenhuma alma é formada de uma suposta substância imaterial, originada no começo da criação.

Agostinho forma a unidade divina não como vazia e inerte, mas como plena, viva e protegendo dentro de si a multiplicidade. Deus compreende três pessoas iguais e consubstanciais: o Pai é a essência divina em sua insondável profundidade; o Filho é o verbo, a razão ou a verdade, através da qual Deus se manifesta; o Espírito Santo é o amor, por meio do qual Deus dá nascimento a todos os seres.

Rejeitando explicitamente a formulação platônica da reminiscência, que supõe a preexistência da alma, excluindo a possibilidade do criacionismo, escreve Agostinho da Trindade:

*Ao contrário é preciso considerar que a natureza da alma intelectuava foi feita de modo que, unida às coisas inteligíveis, segundo a ordem natural disposta pelo criador, as percebe em uma luz incorpórea especial, do mesmo modo que o olho carnal percebe aquilo que o*

*circunda na luz corpórea, tendo sido criado capaz para essa luz e para ela ordenado<sup>2</sup>.*

Deus é a fonte dos conhecimentos perfeitos e não o homem. A experiência mística leva a Assim se chega às verdades eternas, e o intelecto então é capaz de pensar corretamente ordem natural divina. iluminação divina. Assim se chega às verdades eternas, e o intelecto então é capaz de pensar corretamente a ordem natural divina. A unidade divina é plena e viva, e guarda a multiplicidade; O amor de Deus é infinito. A graça e a liberdade complementam-se;

Para Agostinho todas as afeições e sentimentos da alma são outras tantas manifestações da vontade.

Os afetos básicos da alma são : o desejo é um aquiescer à tendência da vontade para um objeto qualquer; a alegria é a complacência na posse de um objeto da vontade; o temor é o sentimento pelo qual a vontade se retrai e afasta de uma coisa; a tristeza é a aversão da vontade por um mal infligido. Em suma, todas as afeições da alma consistem na aceitação ou na rejeição, pela vontade, de algo bom ou mau.

Os eleitos pela graça divina edificam a cidade de Deus e vivem em bem-aventurança eterna. A construção progressiva da cidade de Deus seria, pois, a grande obra começada depois da criação e incessantemente continuada.

A alma dá vida ao corpo porque é a sua forma substancial. Sem esta unidade íntima e profunda o corpo seria apenas um instrumento da alma que a seu talante poderia deixar de vivificar, quando bem lhe parecesse “Mas foi só com Santo Agostinho que a noção de luz tornou-se fundamental, difundindo-se através de sua obra e permanecendo viva na tradição ocidental. Essa luz é a condição para o verdadeiro conhecimento e para a comunicação de verdade.

A luz da verdade que, partindo de Deus, ilumina diretamente a alma e a guia é o conceito central da filosofia agostiniana. “Mesmo os ignorantes”, diz Santo Agostinho. “quando bem interrogados, respondem corretamente acerca de algumas disciplinas, pois neles está presente, na medida em que podem recebe-la, a luz da razão eterna, na qual vêem as verdades imutáveis”. Isso significa que o funcionamento natural do intelecto humano exige a presença da luz divina e O

---

<sup>2</sup> BOEHNER, Philotheus, História da Filosofia Cristã, p. 442-443

significado do conceito de luz em Agostinho, que é a iluminação contínua por parte de Deus, conserva-se nas doutrinas de inspiração agostiniana no mundo moderno e contemporâneo. Santo Agostinho afirmava que “acima nossa há uma lei chamada verdade” e que nós podemos julgar todas as coisas em conformidade com essa lei, que no entanto escapa a qualquer juízo.

Segundo Santo Agostinho, a vontade só é livre quando não dominada pelo vício e pelo pecado e é essa a liberdade que só pode ser devolvida ao homem pela graça de Deus. Desse ponto de vista, o homem não possui méritos próprios, válidos perante Deus: seus méritos são dons divinos que devem ser atribuídos a Deus e não a si mesmo.

*Somente por obra do Santo Agostinho, com a identificação do Espírito Santo ao Amor (enquanto Deus Pai é o Ser e Deus Filho é a verdade), o amor é introduzido explicitamente na própria essência divina e torna-se um conceito teológico, além de moral e religioso. O amor a Deus e o Amor ao próximo unem-se em Santo Agostinho, quase formado um conceito único. Amar a Deus significa amar o amor, mas diz Agostinho, “não se pode amar o amor se não se ama quem ama”. Não é amor o que não ama ninguém. Por isso, o homem não pode amar a Deus, que é o amor, se não amar a Deus, que é o amor, se não amar o outro homem. O amor fraterno entre os homens “não só deriva de Deus, mas é Deus mesmo ( Detrim., VIII, 12): é a revelação de Deus, em um de seus aspectos essenciais, à consciência dos homens”<sup>3</sup>.*

Santo Agostinho, em outra obra, O Espírito e a letra, ele explicou como aconteceu a passagem de um para o outro amor. É o Espírito Santo, que nos faz passar do amor-próprio para o amor a Deus e ao próximo, que nos liberta do egoísmo! O Espírito Santo realiza a transformação ou a “retificação” essencial no homem remido. Como isso ocorre, nós em parte já o explicamos ao falar do Espírito Santo “lei nova” do cristão. Infundido no coração o amor, ou seja, uma capacidade nova para amar a Deus e os irmãos,, o Espírito Santo liberta o amor dos grilhões do egoísmo; não impõe só o dever de fazer a vontade de Deus, mais instila também o prazer de cumpri-la e, deste modo, o homem começa a fazer de bom grado aquilo que Deus manda, enquanto sente que ele mesmo é amado por Deus. Aqui se situa a decisiva passagem da escravidão do pecado para a liberdade da graça.

---

<sup>3</sup> ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, p. 40-41

Santo Agostinho, utilizando-se em parte das categorias platônicas, muito contribuiu para a interpretação bíblica. Havia um mundo, um superior, transcendente, perfeito, espiritual, do qual tudo provinha e ao qual tudo retornava e um mundo inferior, contingente, imperfeito, material, dependente do primeiro.

Na mente de Agostinho, a luz ganha agora clareza meridiana e, ele exclama, cheio de entusiasmo: “É, pois, o Espírito Santo o Deus Amor! Pouco depois, tendo repetido que Deus é Amor, o evangelista acrescenta: aquela que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele (1 jo 4,16), É, portanto, do Espírito que se fala ao dizer “Deus é amor”. Eis por que o Espírito Santo, Deus que procede de Deus, uma vez dado ao homem, o acende de amor a Deus e ao próximo, sendo ele mesmo amor. O homem, com efeito, é só de Deus que recebe o amor para amar a Deus. Por isso, pouco depois João afirma:” não fomos nós que amamos a Deus. Mas foi ele que nos amou” (1 jo 4,10.19). E o apóstolo Paulo diz:” O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

## **PARA SANTO AGOSTINHO**

### **O QUE É O HUMANO?**

Ao criar do nada as coisas modeladas por suas idéias, Deus conferiu-lhes o ser; não com certeza toda a plenitude do ser, que somente nele existe, mas unicamente uma certa participação. Dessa medida diversa de participação no ser discorre naturalmente certa gradação no ser criado. No domínio da criação visível, o lugar mais superior cabe ao ser humano.

O homem é uma unidade que existe necessariamente de corpo e alma que se utiliza de um corpo; porém, é fora de dúvida que ele doutrina, clara e reiteradamente, que o homem se compõe de alma e corpo, graças a uma estreita união destes dois elementos, e que somente o ser assim composto é digno de nome de homem.

Agostinho sempre se permanece fiel a esta concepção. Também o corpo faz parte da natureza humana. E é por este motivo que, segundo sua expressa declaração, ele por vezes indica o homem simplesmente de alma, a exemplo da própria Escritura.

Todas as vezes que se pesquisa o homem, transcende-se o próprio homem e se alcança o que é mais poderosa e vital do ele mesmo, a saber, o processo de sua libertação na verdade. As investigações do pensamento, as peripécias da história, as percalços da existência, a partir de seu ponto de partida e de acordo com seu vigor, agora se acham além do homem; já se arremessaram aquém da vontade e seu livre arbítrio, agora transporam todo o querer dos indivíduos e se jogaram no movimento de libertação da verdade de Deus.

Não é só corpo e alma, mas o ser que se compõe de corpo e alma. A alma não é todo o homem, mas a parte superior dele; o corpo da mesma forma não é todo o homem, mas a sua parte inferior. Quando a alma e o corpo estão juntos, dá-se o nome de homem, termo que não perde cada um dos elementos, quando se fala deles separadamente.

O homem não , nem tudo que tem consegue ser. Um corpo somente se torna humano quando e na medida em que se completa na, realização e pela realização do espírito. O materialismo é uma realização do espírito que pretende produzir tudo sem precisar de nada para realizar-se. O homem consegue a realização de sua verdade e alcança a plenitude de sua bondade, desligando-se das dependências de um ter sem nenhum ser para aconselhar-se à integração de ter e ser na realidade de Deus.

Cada ação ou postura de todos nós, luta e se empenha por uma realização: a saber no desprendimento o homem tem de conquistar as potencialidades de sua própria humanidade.

É caminhando que se constroem os caminhos para as caminhadas da libertação. O homem livre não é a soma de tudo que tem mas a totalidade do nada de próprio, a totalidade do que ele mesmo não tem nem é.

A liberdade não é para Santo Agostinho uma propriedade do homem, assim como uma caminhada não é um dado ou o fato do caminho. Ao contrário. O homem é que chega a realizar-se como homem, enquanto e na medida em que é adequado pela liberdade. A humanização do homem se funda e se exercita na significação da liberdade pela verdade. A liberdade somente se dá como conquista, a liberdade só existe como empenho de libertação a liberdade somente se presenteia no e com desligamento da verdade.

O homem é que em todo caso se realiza numa apropriação da liberdade no sentido de somente poder existir enquanto apropriado pelo processo escatológico da verdade de Deus.

Deus é a bondade absoluta e o homem é o perverso miserável condenável a danação eterna e somente recuperável mediante a graça divina.

Para o bispo de Hipona, o homem é uma criatura privilegiada na ordem das coisas. Feito a semelhança a Deus, estende-se em correspondência com três pessoas da Trindade.

A vontade seria essencialmente criadora e livre, e nela tem raízes a possibilidade de o homem distanciar-se de Deus. Fixa a que a essência do pecado, que de forma alguma é necessária e do qual o único responsável seria o próprio livre arbítrio da vontade humana.

O pecado é, segundo Agostinho, uma desobediência da lei divina, na medida em que a alma foi criada por Deus para reger o corpo, e o homem, fazendo mau uso do livre-arbítrio, inverte essa relação, sujeitando a alma ao corpo e caindo na concupiscência e na ignorância

A queda do homem é de intera responsabilidade do livre-arbítrio humano, mas este não é suficiente para fazê-lo regressar às origens divinas.

*A graça é necessária para que o homem possa combater eficazmente, em oposição as tentações da concupiscência. A graça antecede todos os esforços de Salvação e é seu instrumento necessário. Sem o auxílio da graça, o livre-arbítrio escolheria o mal; com ela dirige-se para o bem eterno<sup>4</sup>.*

Por um lado a vontade é livre para escolher o pecado e aquele que peca é responsável por isso, e não Deus; da mesma forma, aquele que age segundo o bem divino, não deve esquecer da sua própria vontade concorreu para essa boa obra.

O homem, tal como Santo Agostinho o concebe, é feito de tensão, de tensão para o que não se pode chegar; é o homem que quer transpor-se aquele cuja vontade deseja vivamente a alcançar um objetivo transcendente.

A formar idéias do drama interior que o homem está sujeito, e sem a qual não se poderia perceber o ponto de vista antropológico de Santo Agostinho. A vida do homem é, em si própria, dramática. Mostra-se como uma luta; é, em si, uma luta. A esperança, a nostalgia, a renúncia, a angústia, a espera, a impaciência, o abandono e a confiança combatem-se entre si.

---

<sup>4</sup> Santo Agostinho, Confissões. P. 21

O homem de Santo Agostinho não pode admitir-se como é. As condições antropológicas tornam-se o problema que serve de fundamento. Ele sente com a sua condição humana. Não pode aceitar-se tal como é.

O homem é, na criação, a criatura doente. Apenas ele necessita do médico; somente ele pode ser curado. O homem tal como Santo Agostinho o concebe, somente pode ser ou superior ou inferior ao que é; não mais pode ser o que é.

Mesmo que quisesse tornar-se simplesmente homem, homem tal como a natureza o fez, não o poderia. O homem preenche-se a si próprio. Pode dizer-se que o homem se forma, ao mesmo tempo, de uma alma e de um corpo. Para ele, o ser humano não é um ser que se possa simplesmente explicar, compreender de um modo geral e abstrato. Deixou de ser uma criatura da natureza; tornou-se ser humano, no sentido histórico, um ser que vive numa época delimitada e que uma só vez encontraremos.

Não podemos explicar o ser humano, o ser humano que sofreu um delimitado destino, recorrendo exclusivamente à natureza do ser humano. Tudo o que nós é permissível dizer é que ele enquanto ser humano, enquanto criatura, estava sujeito à mudança. Se o ser humano se modificou isso diz respeito a ele.

E ela que faz do ser humano uma espécie de inimigo, de competidor de Deus; que determina entre Deus e o homem uma relação muito particular que se não poderia estabelecer a nenhuma outra. O homem e Deus deparam-se situados em frente ao outro numa semelhança de vontade: vontade humana contra a vontade divina, deixa-se influenciar pela vontade divina. A vontade de Deus atua no ser humano, no que nele existe de mais pessoal.

Conter em si o curso inteiro da vida, entende todos os acontecimentos, tudo aquilo de que o homem sente, tudo o que ele espera conseguir: uma vida plena, uma vida humana, contudo o que ela inclui; tudo é orientado ao destino do homem pecador, todas as ações do ser humano são decididas conforme distanciem ou aproximem a alma de Deus, seu criador. Deus está sempre presente neste mundo dos acontecimentos, das experiências, nele atuando sem parar, trabalhando e criando infatigavelmente.

Estamos, unidos a Deus pela nossa vontade, o liame entre o homem e Deus é uma relação de vontade. Deus atua em nós, não por uma transmissão de

força realizada de uma só vez, mas sem suspensão; por-se de permeio nesta vida humana. O ser humano é, em Santo Agostinho, uma figura religiosa, tal como Deus. O homem tem o seu Deus, e Deus, o seu homem.

Logo depois, à medida que o ser humano for adquirindo a consciência da sua personalidade, e desde que procure uni-la à idéia que tem de si próprio enquanto criatura da natureza, novos problemas, novas dificuldades surgirão.

O ser humano é uma criatura da natureza; tem o seu lugar na hierarquia ordenada de valores que liga todos os seres entre si e reserva a cada um o grau que deve ocupar. Tem o seu próprio destino, que não nos é dado explicar a partir da ordem da natureza. Face a Deus, o ser humano é uma pessoa e, do mesmo modo, face ao ser humano, Deus é uma pessoa.

O ser humano, tal como Santo Agostinho o concebe, não pode manter-se na visão da sua alma.

Contudo, o que ele então acha é Deus e, em Deus, torna a conhecer de novo a si próprio como um ser de luta e de sofrimento, que deseja vivamente à libertação.

O ser humano tem, um destino que lhe é próprio. Não pode compreender-se se não for a partir de si mesmo; é preciso que ele ache em si, na sua vontade, a razão do seu destino; fui eu que quis tudo isto, o meu sofrimento, a minha miséria.

Segundo Santo Agostino “a vontade este em todos os atos dos homens; aliás, todos os atos nada mais são que vontade” (De civitate Dei, XVI,6)

O ser humano é o único ser racional, com a capacidade de conhecer, sendo o único que tem faculdade cognitiva, entretanto esta faculdade possui: a ética, capacidade de conhecer o bem; o intelecto, superior, a todos os animais; a capacidade de reflexão de si e do mundo.

Santo Agostinho nos sustenta que o objeto do conhecimento é a verdade. A alma, para conhecer, possui uma verdade única, tornando possível, assim, razão de conhecer e julgar. A razão faz a ação de julgar quando há compreensão das coisas exteriores, comparadas ao interior. A verdade em Santo Agostinho, é Deus, e ele é vida. A vida é manifestação da expressão do céu.

Santo Agostinho afirma-se incapaz de solucionar a questão da origem da alma, e embora tão influenciado por Platão, não acha a matéria por si mesma condenável, assim como não encara como castigo a união da alma com o corpo. Não seria este, como se disse tanto, a prisão da alma: o que faz do homem prisioneiro da matéria é o pecado, do qual deve libertar-se pela vida moral. Pelas virtudes cristãs. O pecado leva o corpo a dominar a alma; a religião, porém, é o contrário do pecado, é a dominação do corpo pela alma, que se orienta livremente para Deus, assistida pela graça.

Santo Agostinho declarava não querer conhecer nada além de “Deus e a alma”. Mas para ele, Deus e a alma não exigem duas indagações paralelas ou de qualquer forma diferente, já que Deus esta na alma e se revela na mais oculta interioridade da própria alma.

O verdadeiro grande problema não é o do consumo, mas sim o do homem. O verdadeiro mistério não é o mundo, mas nós para nós mesmos. “Que profundo mistério é o homem! E no entanto, tu, Senhor, conheces até o número dos seus cabelos, que em ti não sofrem redução. E, entretanto, é mais fácil contar os seus cabelos do que as sensações e os moventes do seu coração”.

Assim, é a problemática religiosa, a confrontar da vontade humana com a vontade divina, que leva à descoberta do eu como pessoa.

E Agostinho encontra no homem toda uma série de três pessoas, que refletem de vários modos a Trindade; Eis uma das passagens, extraída da Cidade de Deus: “Embora não sejamos iguais a Deus, estando aliás infinitamente distantes dele, no entanto, como, entre as suas obras, somos aquela que mais se aproxima de sua natureza, reconhecemos em nós mesmos a imagem de Deus, ou seja, da Santíssima Trindade, imagem que ainda deve ser aperfeiçoada para aproximar-se sempre mais dele. Com efeito, nós existimos, sabemos que existimos e amamos o nosso ser e o nosso conhecimento”.

*“O que é o homem, e para que serve? Qual é o seu bem e qual é o seu mal? A duração de sua vida é de cem anos no máximo. Como gota no mar e grão na areia, tais são os seus poucos anos frente a uma da eternidade. É por isso que o Senhor tem paciência com os homens, e derrama sobre eles a sua misericórdia. Ele vê e reconhece que o fim deles é miserável, e por isso multiplica para eles o seu perdão. A misericórdia do homem e para o seu próximo, porém a misericórdia do*

*Senhor é para todos os seres vivos. Ele repreende, corrige, ensina e dirige, como o pastor conduz o seu rebanho. Ele tem compaixão dos que aceitam a correção., e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos<sup>5</sup>.*

A fragilidade da condição humana faz descobrir o quanto é grande a compreensão e a misericórdia de Deus. Ele está sempre aberto para compreender e perdoar e para ensinar o caminho da justiça e da vida.

A vida do ser humano como indivíduo é denominado por uma alternativa fundamental: viver segundo a carne ou viver segundo o espírito.

A mesma alternativa domina a história da humanidade, constituída pela luta de duas cidades ou reinos: o reino da carne e o reino do espírito, a cidade terrena ou a cidade do diabo, que é a sociedade dos ímpios, e a cidade celestial ou a cidade de Deus, que é a comunidade dos justos.

Os homens devem fazer o bem, e se forem “escolhidos”, farão o bem, como ninguém sabe quem será ou não escolhido, todos devem tentar praticar o bem, na esperança de estarem entre os eleitos. Para Agostinho, a linha mestra da prática do bem era a doutrina da “caridade”, que significava viver uma existência dedicada a amar Deus e o próximo por amor a Deus. Em outras palavras, Agostinho ensinava que os seres humanos deviam conduzir-se na terra como se fossem viajantes ou “peregrinos”, mantendo os olhos voltados sempre para seu lar celestial e evitando todos os cuidados materialistas.

Agostinho formulou uma interpretação da história em uma de suas obras principais, A Cidade de Deus. Argumentava nela que a raça humana, desde a criação até o juízo final, foi e será composta de duas sociedades beligerantes, aqueles que “vivem conforme o homem” e amam a si próprios, e aqueles que “vivem” conforme Deus”.

Este não-ser pode unicamente provir do homem, livre e limitado, e não de Deus, que é puro ser e produz unicamente o ser. O mal moral entrou no mundo humano pelo pecado original e atual; por isso, a humanidade foi punida com o sofrimento, físico e moral, além de o ter sido com a perda dos dons gratuitos de Deus. Remediou este mal moral a redenção de Cristo, homem-Deus, que restituiu à humanidade os dons sobrenaturais e a possibilidade do bem moral, mas deixou

---

<sup>5</sup> *Eclo 18, 7-14*

permanecer o sofrimento consequência do pecado, como meio de purificação e expiação.

Quem tem a possibilidade do uso da razão; nesse sentido diz-se que o homem é um animal racional. Santo Agostinho afirma que os sábios "Chamaram de racional quem faz ou pode fazer uso da razão, e de racional aquilo que é feito ou dito pela razão<sup>4</sup>.

Para Santo Agostinho, o homem, com sua alma espiritual participava do mundo superior e com seu corpo material participava do mundo inferior. Para atingir a perfeição, precisava desprezar o mundo material, o corpo, e buscar o mundo espiritual para se aperfeiçoar; tornar-se santo era aproximar-se de Deus, espírito perfeitíssimo e eterno.

---

<sup>4</sup> ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, p. 820

## **A CRIAÇÃO**

No princípio de todos os seres está Deus, o supremo ser concebível. Os homens podem errar sobre sua natureza, mas todos estão de acordo em afirmar que Deus é algo em comparação do qual nada se pode pensar de melhor ou mais sublime.

Ainda que saibamos que Deus existe, e que é a verdade suprema e o fim último a que aspira a nossa vontade, não nos é dado compreendê-lo.

Nenhum dos nomes que atribuímos a Deus e nenhuma das expressões que lhe aplicamos é capaz de exprimir-lhe a essência. Agostinho chega a anunciar que o único conhecimento que a alma tem de Deus é o saber como não o sabe.

Todos os nossos conceitos resultam das criaturas corporais ou espirituais, e por isso se aplicam às mutáveis e temporais. Mas não se deve perder de vista que nenhum desses conceitos descreve Deus tal qual ele é.

Por isso forma Deus Transcende o nosso conhecimento na mesma proporção em que transcende o nosso ser. O entendimento somente o vê como num espelho e de modo indistinto. Todos os nossos pensamentos e conceitos tornam apontamento para além de si mesmo e para algo que não logram exprimir.

Todos os nossos conceitos se enfraqueceram à medida que se avizinham da realidade divina, que apenas conseguem lobrigar; apesar disso eles nos dizem algo sobre Deus. Embora não nos informam sobre o que ele é em relação às criaturas.

Se Deus é plenitude do ser na sua forma simples, é com clareza que todas as nossas determinações e enunciados, apesar dos seus significados diferentes, devem dar a entender que a mesma realidade, quando aplicadas a Deus. Chamamo-lo eterno, imortal, imperecível, imutável, vivo, sábio, poderoso, belo, justo, bom, feliz, espírito, nenhum desses adjetivos é atribuível a Deus à maneira de propriedade; todos são predicados dele segundo a substância ou essência.

Deus habita uma luz inacessível que transcende todo conhecimento humano. É o originador de tudo quanto existe. Mudando olhar às realidades empíricas investigamos que todas são mutáveis: tendem, sem exceção, à degeneração e ao nada.

Deus criou as coisas do nada, não da sua substância, mas por seu poder; nem de alguma matéria pertencente a outrem ou anterior às coisas produzidas. As coisas foram feitas de matéria criada por Deus<sup>5</sup>.

A criação é um ato da vontade de Deus. Se bem que a razão desse ato criativo seja a bondade divina, ele não é um resultado necessário dessa bondade. A vontade divina determina-se a si mesma. A criação é pois um ato livre de Deus.

Ainda que incausado, o ato criativo não é contudo o resultado de uma decisão cega ou arbitrária. Também ele tem sua razão, a saber: a própria bondade divina. Três são as coisas que nos importa saber a respeito das criaturas: por quem, de que e por que foram feitas.

Além de ser expressão da vontade e revelação da bondade divina, o ato criativo é também um ato do conhecimento e uma revelação da sabedoria de Deus. Antes de serem feitas, as criaturas já existiam ou "viviam" no entendimento divino ou na, "arte" divina sob a forma de idéias.

Do mesmo modo que um artista humano deve conceber antecipadamente a obra que vai produzir, assim Deus, o artista eterno possui uma idéia prévia de cada criatura em sua "arte eterna".

Deus criou todas as coisas do nada, por um ato de sua vontade, e em consonância com suas idéias. Agostinho frisa expressamente esta disparidade:

---

<sup>5</sup> BOEHNER, Philotheus, *História da Filosofia*, p.174

todos os seres são bons porque criados por Deus; e todos implicam certa imperfeição intrínseca porque feitos do nada.

Por um ato temporal Deus tirou do nada o Céu e a Terra, isto é, as criaturas invisíveis e visíveis. A matéria não foi criada separadamente das formas. A matéria não pode existir destituída de forma; quanto mais o espírito se esforça por concebe-la de modo absoluto, ou seja, como pura matéria, tanto mais ele se aproxima da mais absoluta escuridão. Em sua atividade criadora, o poder de Deus se detém, por assim dizer, em dois limites extremos, que são: a criação do anjo, o ser mais próximo, e a criação da matéria, o ser mais distante de Deus.

Para Agostinho, a matéria não se identifica simplesmente com a mutabilidade; com isso se dar a entender a idéia de uma matéria espiritual. Contudo, não é fácil delimitar até que ponto se deve entendê-la em sentido metafórico, pois por "matéria espiritual" Agostinho entende principalmente um estado de "informalidade", ou seja, de ignorância e miséria, em que se encontra a alma que vida afastada da sabedoria incomutável.

Ainda que todos as coisas tenham sido criadas por Deus, contudo o surgimento de seres sempre novos. Entre as criaturas que foram criadas desde o início na plena perfeição de suas formas, e as que foram apenas "esboçadas". As criaturas que desde logo receberam sua forma definitiva são: os anjos, o firmamento, a terra, o mar, o ar, o fogo, os astros e, finalmente, a alma humana.,

Graças a estas forças germinativas, a terra está como que impregnada de causas evolutivas; ela é um campo cultivado, uma enorme sementeira densamente semeada de grãos aptos a evoluir e a sazonar.

A doutrina das forças germinativas traduz uma exigência profunda do agostinismo, a saber, o desejo de restringir o mais possível a atividade criatural, em, benefício da atividade divina.

É claro, que a mesma lei que rege a ordem espiritual governa a ordem material: o que vale não é quem planta, nem quem rega, mas, aquele que faz crescer, isto é, Deus. Graças a ação ininterrupta de Deus, as forças germinativas continuam a desdobrar, até hoje, os seus números, fazendo surgir as formas visíveis de suas profundezas ocultas.

Santo Agostinho afirma como o deve fazer todo cristão ortodoxo, que o mundo foi criado não de uma certa matéria mas do nada. Deus criou a substância, e não somente a ordem e a disposição.

As coisas se originaram em Deus. Que a partir do ma as criou. Pois o que muda e se move, o que é relativo e passa ou desaparece requer o imutável e o absoluto, essência do próprio Deus, que criou as coisas segundo modelos eternos como ele mesmo. Tudo o que existe no mundo foi criado ao mesmo tempo, em estado de germe e de semente.

Como estes existem desde o início, a historia do mundo evoluiu continuamente, mas nada de novo se cria. Entre os seres da criação existe uma hierarquia, em que o homem ocupa o segundo lugar, depois dos anjos.

A teoria da criação do mundo manifesta claramente a originalidade do pensamento cristão diante da filosofia Helênica. Muito diferente é a concepção cristã formulada por Agostinho, para que Deus, por sua própria essência trina, é criador de todos os seres, a partir de nada além dele e como conseqüência apenas de seu amor infinito. Deus não seria um artista que dá forma a uma certa matéria, seria o criador de todas as formas e todas as matérias.

Deus, a princípio, criou alguns seres já completamente realizados; de outros criou as causas que, mais tarde, desenvolvendo-se deram origem às existências dos seres específicos.

A criação das coisas se dá do nada, ou seja, não da substância de Deus nem de algo que preexistisse. Com efeito, explica Agostinho, uma realidade pode derivar de outras de três modos: por geração, caso em que deriva da própria substância do gerador como o filho deriva do pai, constituindo algo de idêntico ao gerador; por fabricação, caso em que a coisa que é fabricada deriva de algo preexistente, fora do fabricante (de uma matéria), como ocorre com todas as coisas que o homem produz; por criação a partir do nada absoluto, ou seja, não da própria substância nem de uma substância externa.

As idéias têm um papel essencial na criação. Agostinho declara a teoria das idéias com um pilar absolutamente fundamental e irrenunciável, porque está intrinsecamente vinculada à doutrina da criação. E em questões sobre as idéias, escreve: "Quem sendo religioso e formado na verdadeira religião, mesmo

que ainda não possa intuir as idéias ousaria negar a sua existência? Ao contrário, afirmará que tudo o que existe, isto é, todas as coisas que têm seu gênero determinado por uma natureza própria para poderem existir, foram criadas por Deus. E por obra sua vive tudo aquilo que tem vida, toda a conservação do universo, a própria ordem com a qual as coisas mutáveis seguem o seu curso temporal em uma determinada medida, tudo isso está contido e é governado pelas leis do Altíssimo”.

A criação, como causação do mundo por parte de Deus, poderia muito bem ser eterna, no sentido atribuído por Santo Agostinho ao dizer:

Se um pé sempre existiu no pé. Desde a eternidade, sob ele sempre terá existido a pegada, indubitavelmente produzida pelo pé que calcava; do mesmo modo, o mundo sempre existiu porque sempre existiu quem o criou<sup>6</sup>.

Essa doutrina é desenvolvida com certa amplitude no comentário literal ao Gênesis, sendo retomada em outras obras, especialmente na Trindade, de onde extraímos duas belas passagens de resumo: “É preciso (...) ter presente que, nos vários elementos do nosso mundo, estão ocultas “sementes” misteriosas de todas as coisas que nascem material e visivelmente. Com efeito, uma coisa são as sementes dos vegetais e animais visíveis aos nossos olhos e outra coisa são as sementes misteriosas com que, por ordem do Criador, a água produziu os primeiros peixes e os primeiros voláteis e a terra os seus primeiros brotos e os primeiros animais segundo a sua espécie”. E ainda: “ Assim, uma coisa é construir e governar a criação do centro e do cume do cerne das causas, coisa própria e exclusiva do único criador, Deus e outra coisa é intervir de fora, segundo as forças e os meios por ele distribuídos, para trazer à luz, neste ou naquele momento, desta ou daquela maneira, o que já está criado. Sem dúvida, todas as coisas que nós vemos já foram criadas originária e fundamentalmente em uma espécie de trama dos elementos, mas é preciso a ocasião favorável para que venham à luz. E assim como as mães ficam grávidas de sua prole, da mesma forma o mundo inteiro está grávido das causas dos seres que nascem, causas que são criadas no mundo por aquela Essência suprema sem a qual nada nasce e nada morre nada começa e nada acaba”.

---

<sup>6</sup> ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia, p 820

Condena decididamente os que negam a criação do mundo; de outro lado, mostra-se compreensivo para com os que crêem ser ele criado, mas coeterno com Deus.

O mundo criado, manifestação da sabedoria e da bondade de Deus, é uma obra perfeita. Esse fato é freqüentemente menosprezado, segundo Agostinho, porque se vê o mundo de maneira parcial, considerando-se certas coisas como más. Tudo aquilo que é necessariamente bom, pois a idéia de bem está implicada na idéia de ser. Deus não é, a causa do mal, da mesma forma que a matéria também não poderia produzi-lo, pois ela é a criatura de Deus.

*No princípio o Senhor criou as suas obras e, depois de havê-las feito, colocou cada uma em seu lugar. Fixou uma ordem eterna para suas obras, desde a origem delas até o futuro longínquo. Elas não têm fome e não se causam, e nunca abandonam suas atividades. Nenhuma delas jamais se choca com a outra, e nunca desobedecem ao comando dele. Depois disso, o Senhor olhou para a terra e com seus bens a encheu. Cobriu a superfície dela com todo tipo de animais, e eles voltarão para ela. Da terra o Senhor criou o homem, e para ela o faz voltar novamente. Concedeu aos homens dias contados e tempo medido, e deu-lhes poder sobre todas as coisas que existem na terra. Revestiu-os com a sua própria força e os criou à sua imagem. Infundiu em todos os seres vivos o temor para com os homens, para estes dominassem as feras e pássaros. Deu-lhes discernimento, língua, olhos, ouvidos e mente para pensar. Encheu-os de ciência e inteligência, e também mostrou-lhes o bem e o mal. Infundiu o seu temor na consciência deles, para mostrar-lhes a grandeza de suas obras. Eles louvarão o seu nome santo, cantando a grandeza de suas obras. Eles louvarão o seu nome santo, cantando a grandeza de suas obras. Concedeu aos homens a ciência e lhes entregou como herança a lei da vida. Fez com eles uma aliança eterna e deu-lhes a conhecer suas sentenças. Os olhos dos homens contemplaram a grandeza da glória de Deus, e seus ouvidos ouviram a majestade de sua voz. E disse a eles: "cuidado para não cometer injustiça!" E ordenou que cada um se preocupasse com o próximo<sup>9</sup>.*

É que celebra o criador, que forma o universo como preparação para a vinda do homem. Ao mesmo tempo, celebra a grandeza do homem, chamado a governar toda a criação e dotado de inteligência para reconhecer a soberania,

---

<sup>9</sup> *Eclo 16, 26-17,12*

colocada no íntimo da consciência, proíbe cometer injustiça e manda relacionar-se fraternamente com o próximo.

Para Santo Agostinho, Deus, enquanto ser, é o fundamento de tudo o que é, o criador de tudo.

Com efeito, a mutabilidade do mundo que está ao nosso redor demonstra que ele não é o ser e que, portanto, precisou ser criado por um ser eterno.

Uma passagem da cidade de Deus estabelece o conceito de Deus como criador absoluto: "Assim, nós não apenas não chamamos os agricultores como criadores de um fruto qualquer (...), mas também não chamamos de criadora sequer a terra, embora ela pareça a mães fecunda de todas as coisas (...) E não devemos sequer chamar a mães de criadora de seus próprios filhos (...) Apenas Deus é criador de tais criaturas, diversamente concretizadas em sua geração. Somente deus, a potência oculta que penetra em cada coisa com sua presença, faz ser tudo o que é de qualquer modo, porque, se ele não o fizesse, não haveria nem isto nem aquilo, aliás, nem poderia ser. Por isso, (...) só Deus é criador das naturezas, já que ele não faz nada senão com a matéria que lê mesmo criou e na tem por artífices senão os que lê próprio criou.

E, no momento em que ele, por assim dizer, retirasse das coisas a sua virtude criadora, elas deixariam de ser, assim como não existiam antes que existissem. Mas digo "antes" na eternidade, não no tempo.

## O TEMPO

Dizem que no princípio fez Deus o céu e a terra, dando a entender que antes nada fez, pois se houvesse feito algo antes do que fez diriam que no princípio o houvera feito, o mundo não foi feito no tempo, mas com o tempo. O que se faz no tempo faz-se depois de algum tempo e antes de alguém, depois do passado e antes do futuro. Mas não podia haver passado algum, porque não existia criatura alguma, cujos mutáveis movimentos o fizessem.

Como não me atreve a dizer haja havido tempo em que o Senhor Deus não haja sito melhor, assim devo dizer, sem hesitar, não haver o homem existido antes do tempo e haver o primeiro homem sido criado no tempo.

Agostinho admite está verdade baseado na revelação. De sua parte, julga que tal asserção é dificilmente compreensível e, ademais, ela acarreta as mais sérias dificuldades em matéria antropológica. Pensa na doutrina origenista da criação eterna, relacionada com a preexistência da alma. Quem quer saber o que Deus fez antes de criar o mundo da a entender que não percebe a diferença entre tempo e eternidade. A eternidade não comporta qualquer mudança; o tempo, sempre implica alguma alteração.

Sendo Deus eterno, ou seja, transcendente ao tempo, e nós outros temporais, é nos impossível resolver o problema das relações entre o tempo e a eternidade. Deus sempre existiu e criou o mundo desde sempre, mas de tal maneira que o mundo teve um começo ou princípio na ordem ontológica, não porém na ordem temporal.

O tempo é essencialmente uma existência parcelada pois no momento presente o passado já deixou de existir, e o futuro ainda não existe. O presente só

pode existir num instante indivisível. E assim as três dimensões do tempo reduzem-se ao presente, em cuja lembrança o passado ainda vive de algum modo, e em cuja expectativa já vive o futuro. O presente transcorre sem cessar, a fim de dar lugar a um novo presente. O tempo é por essência inconstante e criatural; seu conta de instantes indivisíveis, donde ser ele essencialmente diverso da eternidade permanente e imóvel.

Em si mesmo, o tempo sempre será algo de enigmático para nós. Toda sua substância se reduz ao instante indivisível ao presente. O movimento corporal consiste na passagem de um ponto do espaço a outro; mas esta mudança local é sempre a mesma irrespectivamente à duração mais ou menos longa do movimento. Logo o tempo que mede o movimento, e o movimento que mede o tempo, são duas coisas diferentes.

Esta "distenção" da alma possibilita a coexistência do futuro, do pretérito e do presente. Permite perceber e medir a duração. A questão torna um aspecto diferente quando se atende a maneira em que o tempo é percebido pela alma. O mesmo se dá com o futuro. A alma é pois uma atenção extensa e distensa, que continua a reter o que vai escoando, e já aprende o que ainda está por vir e é esta extensão que perdura.

O tempo é um agora que passa, nunca é totalmente presente o passado é impelido pelo futuro. Todo passado e futuro são criados e determinados pelo ser presente: "Deus".

Se antes do verbo nada existia no céu e na terra, também não existia o tempo. Deus precede o tempo, pois o tempo é anterior a todos os tempos. Para santo Agostinho, portanto, "o tempo é um vestígio de eternidade".

É preciso existir o passado para acontecer o futuro, a causa da existência do presente e deixar de existir. O presente precisa passar para o pretérito para ser tempo. Santo Agostinho caracteriza o tempo no aspecto psicológico, perguntando pela maneira, como acontece o aprendizado do tempo.

O homem, ao perceber que existe a partir destes tempos, se preocupa mais com o tempo que esta passando e procura medir este tempo.

Nós medimos o tempo enquanto ele passa. Quanto ao passado e futuro, não podemos medir por que não existem. O tempo é tomado no espaço e nos dá a possibilidade de medi-lo.

Para Santo Agostinho o tempo não é o movimento dos corpos, mas os corpos que se movem no tempo. O tempo é empregado pelo corpo para mover-se de um ponto a outro.

O tempo é a extensão da alma, sendo que não medimos o tempo futuro porque ainda não existe, nem o presente, pois não tem extensão e nem o passado, que deixou de existir. O tempo é um produto da nossa alma, que o torna presente mediante a memória, no caso de ser passado; mediante a atenção no caso de ser atual; e mediante a espera, se é futuro<sup>10</sup>.

Agostinho consegue encontrar para evitar tais contradições é dizer que o passado e o futuro só podem ser considerados como presente: "passado" tem de ser identificado com a memória, e o "futuro" com a espera, sendo a memória e a espera fatos presentes. "O presente das coisas passadas é a memória; o presente das coisas presentes é a vida, e o presente das coisas futuras é a espera".

O tempo é por ele entendido como constituído por momentos diferentes de passado, presente e futuro. A criação do tempo coincide com a criação do mundo, ele é a estrutura fundamental do próprio mundo. Ao contrário, Deus, o ser por excelência, que é, foi e será, está completamente fora do tempo é imutável e eterno.

O passado é o tempo que não é mais; o futuro é o tempo que ainda não é; o presente é o tempo que é agora, mas que não será sempre. A possibilidade do passado e do futuro deve-se à natureza daquelas coisas cujo presente é tal que não pode ser perpetuamente presente; o seu presente passa: se não passasse, não haveria passado; se passando, não se tornasse algo de novo, não haveria futuro...

O tempo é um agora que passa. A eternidade é um presente não passa, um agora permanente.

O tempo não existe fora de nós. Não existem, fora de nós, nem o passado nem o futuro. Se o passado não existisse, a História não existiria; se não

---

<sup>10</sup> FRAGMENTOS DE CULTURA, Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, p. 87

existisse o futuro seria impossível, qualquer predição.

É necessário, por isso, dar do passado e do futuro, uma explicação de salvação a sua existência. Ora, é claro que fora da mente não existe nem futuro nem passado. Deve-se concluir, que o futuro e o passado existem na mente como o presente.

O tempo, na verdade, é um ato interior, que nos permite ver a realidade de certa maneira. O passado não é mais realidade e o que resta dele é apenas memória. O futuro não é ainda realidade e o seu significado aparece na esfera interior do seu sobrevir. O presente é uma realidade efêmera que nos exige nossa atenção para o que está acontecendo no imediato: não tem consciência.

O tempo implica passado, presente e futuro. Mas o passado não é mais e o futuro não é ainda. E o presente "se fosse sempre e não transcorresse para o passado, não seria mais tempo, mas eternidade". Agostinho destaca que, na realidade, o tempo existe no espírito do homem, porque é no espírito do homem que se mantêm presentes tanto o passado como o presente e o futuro. E, de qualquer forma, é no nosso espírito que se encontram esses três tempos, que não são vistos em outra parte: o presente do passado, vale dizer, a memória; o presente do presente, isto é, a intuição; o presente do futuro, ou seja, a espera.

O tempo é identificado por Agostinho com a própria vida da alma que se estende para o passado ou para o futuro. Santo Agostinho diz:

*De que modo diminui e consuma-se o futuro que ainda não existe? E de que modo cresce o passado que já não é mais, senão porque na alma existem as três coisas presente, passado e futuro? A alma de fato espera, presta atenção e Recorde, de tal modo que aquilo que ela espera passa, através daquilo a que ela presta atenção, para aquilo que ela Recorde. Ninguém nega que o futuro ainda não existe mas na alma já existe a espera do futuro, ninguém nega que o passado já não exista, mas na alma ainda existe a memória do passado. E ninguém nega que o presente careça de duração porque logo incide no passado, mas dura a atenção por meio da qual aquilo que será passa, afasta-se em direção ao passado<sup>11</sup>.*

---

<sup>11</sup> ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia, pg. 946-947

O tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados. É um contínuo, e, como tal, é indivisível. O tempo, para ser estudado na sua metafísica, não se deve dividir no “antes” e no “depois”, mas considerar-se na sua síntese de continuidade.

*Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz<sup>12</sup>.*

A todo custo, o homem tenta dominar a vida, que lhe escapa numa série de tempos diferentes. Só Deus tem a visão do conjunto da vida. Só ele conhece de antemão todos os momentos. O homem anseia pela plenitude e deseja realiza-la. Isso, porém, fica limitado aos momentos que para ele são todos incertos. Cabe-lhe então aceitar o momento presente com dom de Deus, e ter discernimento para fazer a coisa certa no momento certo.

Antes da criação não havia tempo e não havia nem mesmo um “antes”: não tem sentido, pois, perguntar a que Deus fazia “então”. A eternidade está acima de todo tempo e em Deus o passado e o futuro nada são. O tempo foi criado juntamente com o mundo.

---

<sup>12</sup> Ecl 3,1-8

## CONCLUSÃO

Nesta reflexão sobre Santo Agostinho aprofundaremos as questões da criação e do tempo.

Esta primeira certeza além de fundamentar toda uma teoria dogmática do conhecimento, parecia permitir também a revelação da própria essência do ser humano: o homem seria sobretudo um ser pensante e seu pensamento não se confundiria com a materialidade do corpo.

Deus, assim encontrado, é ao mesmo tempo, uma realidade interna e transcendente ao pensamento. Sua presença seria atestada para todos os juízos formados pelo homem, sejam científicos, estéticos, ou morais. Mas, por outro lado, a natureza divina escaparia ao alcance humano.

Na teoria da criação veremos o conhecimento que chega à verdade absoluta, a ato da criação e a palavra criadora. Os seres são palavras de Deus, símbolos do mundo superior e imagem da palavra eterna, a palavra criadora.

Na questão da temporalidade veremos sua respectiva divisão: passado, presente e futuro, a ênfase na eternidade e sua existência enquanto reminiscência da alma.

Embora Santo Agostinho assuma que o tempo caminha do futuro para o passado em sua análise psicológica, essa linearidade toma a direção oposta em sua visão histórica: passado, presente e futuro articulam-se em uma estrutura necessária e teológica, estabelecida pelo próprio criador. Dessa forma, a história adquire um novo sentido. A dinâmica temporal de repetição que perpassa o gênio grego dá lugar a um processo irrepitível de acontecimento, sintonizando, portanto,

com a tradição bíblica, sempre relacionados com a contínua e conflituosa convivência entre a Cidade Celeste e a Cidade Terrestre.

Pois é este o momento em que serão definitivamente separadas a Cidade de Deus e a Cidade Terrestre, que são, na verdade, dois lugares místicos situados além do plano espacial, em função dos dois diferentes tipos de amor que lhes deram origem, a saber: o amor a deus e o amor a si mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIBLIA SAGRADA. **Sociedade Bíblica Católica Internacional**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BURNS, Edward Mannel et. alli. **História da Civilização Ocidental: do homem das cavernas as naves espaciais**. 38ª ed. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Globo 1997.

CANTALAMESSA, Raniero. **O canto do Espírito: meditações sobre o Veni Creator**. 3ª ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOEHNER, Phitotheus. **História da Filosofia Cristã. Desde as origens até Nicolau de Cusa**. 5ª ed. Trad. Raimundo Viera. Petrópolis: vozes, 1991.

FRAGMENTO DE CULTURA, **Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás IFITEG**- Goiânia, junho 1994 – Ano 4 nº 8.

FRAGMENTO DE CULTURA, **Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás IFITEG** – Goiânia, Julho 1993 .Ano 3 ° 6

FRAGMENTOS DE CULTURA, **Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás IFITEG** –Goiânia, outubro 1996 – Ano 6, nº21.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. 9ª ed. Trad. Por Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1982,

REALI, Giovanni & ANTISERI, Dario. ***História da Filosofia: Antigüidade e Idade média***. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1990 (coleção filosofia) vol. I.

ROSI, Roberto. ***Introdução à Filosofia: Histórias e sistemas***. Trad. Por Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1996.

RUSSEL, Bertrand. ***História da Filosofia Ocidental***. 2ª ed. Trd. Por Brenno Silveira, São Paulo: Nacional, 1967, vol. II.

SANTO AGOSTINHO. ***As confissões***. São Paulo: abril cultural, 1973 (coleção os pensadores).

SANTO AGOSTINHO. ***Confissões***. Trad. Por Maria Luiza Jardim Amarante, São Paulo: Paulinas, 1984.

SCIACCA, Michele Federico. ***História da Filosofia***. Trad. Luiz Waschigton Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

STACCONE, Giuseppe. ***Filosofia da Religião: o pensamento do homem Ocidental e o problema de Deus***. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ZILLES, Urbano. ***Filosofia da Religião***. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1991 (coleção de Filosofia).